



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA

FRÉCIA FERNANDA FRANCO PUREZA

**DISLEXIA, FAMÍLIA E ESCOLA: RECONHECIMENTO E ACEITAÇÃO DE
CRIANÇAS COM DISTÚRBIOS NO APRENDIZADO**

CASTANHAL
2018

FRÉCIA FERNANDA FRANCO PUREZA

DISLEXIA, FAMÍLIA E ESCOLA: RECONHECIMENTO E ACEITAÇÃO DE CRIANÇAS COM DISTÚRBIOS NO APRENDIZADO

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado à Faculdade de Pedagogia, da Universidade Federal do Pará – UFPA, Campus de Castanhal como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado Pleno em Pedagogia.

Orientador.: Prof. MS. Luiz Carlos de Carvalho Dias

CASTANHAL
2018

FRÉCIA FERNANDA FRANCO PUREZA

DISLEXIA, FAMÍLIA E ESCOLA: RECONHECIMENTO E ACEITAÇÃO DE CRIANÇAS COM DISTÚRBIOS NO APRENDIZADO

BANCA EXAMINADORA

Prof^o Ms Luiz Carlos de Carvalho Dias - Orientador

Prof^a Dra. Eula Regina do Nascimento – Membro

Prof^a Ms. Marcia da Silva Carvalho

Data da Aprovação: _____ de _____ de _____.

Nota: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao “Eterno nosso Deus” em primeiro lugar que esteve diante de mim dando forças positivas para encarar os obstáculos dos estudos desde início até o fim da minha graduação.

Ao meu companheiro que sempre me apoiou e compreendeu minhas ausências em casa em função dos estudos e aos demais familiares: minha mãe, meus irmãos, minha sobrinha e minha sogra que direta ou indiretamente ajudaram na concretização deste sonho.

Ao meu Orientador Luiz Carlos de Carvalho Dias, agradeço com todo meu coração, pois mesmo passando por momentos difíceis com sua família deu atenção especial que me prestou durante as orientações para construção deste trabalho.

Agradeço também aos meus amigos do “Grupo Alfa” (Elton, Márcia, Fátima, Luciene, Lucilene e Samanta), pois enfrentamos juntos as dificuldades nessa jornada, em nossas reuniões de estudos e, apesar das dificuldades nunca faltava brincadeiras para sair um pouco da rotina da faculdade. Embora algumas vezes nos desentendemos pelo cansaço, acredito que são amizades que sempre lembrarei com carinho e amor, assim como sei que serei lembrada.

Aos docentes e outros servidores da Universidade (UFPA) que acompanharam a minha dificuldade e dos meus colegas da turma também em permanecer os estudos, especialmente no turno da noite, onde as maiorias dos alunos trabalham durante o dia e chegam cansados nas aulas.

Muito obrigada a todos vocês!

RESUMO

As famílias possuem um papel fundamental no processo de ensino aprendizagem das crianças com dislexia, por meio do reconhecimento, aceitação e diagnóstico dos transtornos de aprendizagens, pois o mesmo quando não diagnosticado pode acarretar em uma série de problemas na educação destas crianças por não estarem recebendo uma educação adequada. O objetivo da presente pesquisa foi exatamente de escutar da família – responsáveis e familiares - a educação da criança disléxica, arguindo assim: quando ocorre a colaboração por parte da família a criança pode desenvolver um aprendizado significativo. Para tanto a presente pesquisa se deu por meio de pesquisa bibliográfica referentes aos temas que circundam os escritos desse trabalho; autores como. Abreu (2012); Campos (2012); Carneiro (2011); Lima (2014); Lona (2014); Marques (2014); Massi e Santana (2011); Polese et.al. (2011); Rubino (2008); Salvari e Dias (2006); Silva (2015); Silva e Silva (2016) Rodrigues e Silveira (2008); Gonçalves (2011); Carvalho (s/d); Ferreira et al. (s/d). A investigação foi qualitativa – questionário semiestruturada composta por vinte 20 questões aplicada entre três sujeitos de crianças com diagnóstico ou com suspeita de dislexia. Os resultados mostraram o quão fundamental é o papel da família neste processo de reconhecimento, diagnóstico e aceitação, bem como o quão é o desenvolvimento de um trabalho em conjunto entre escola e família para que seja proporcionada a essas crianças uma educação dinamizada e proveitosa.

Palavras-Chaves: Dislexia. Família. Educação Inclusiva.

ABSTRACT

Families play a key role in the learning process of children with dyslexia, through the recognition, acceptance and diagnosis of learning disorders, as the same when undiagnosed can lead to a series of problems in the education of these children because they are not receiving education. The aim of the present research was precisely to listen to the family - responsible and family - the education of the dyslexic child, arguing: when the collaboration occurs on the part of the family the child can develop a meaningful learning. For this purpose, the present research was carried out through bibliographical research related to the themes that surround the writings of this work; authors such as. Abreu (2012); Campos (2012); Carneiro (2011); Lima (2014); Canvas (2014); Marques (2014); Massi and Santana (2011); Polese et.al. (2011); Rubino (2008); Salvati and Dias (2006); Silva (2015); Silva and Silva (2016) Rodrigues and Silveira (2008); Gonçalves (2011); Carvalho (s / d); Ferreira et al. (s / d). The research was qualitative - semi-structured questionnaire composed of twenty 20 questions applied between three subjects of children diagnosed or suspected of dyslexia. The results showed how fundamental is the role of the family in this process of recognition, diagnosis and acceptance, as well as the development of a joint work between school and family so that a dynamic and profitable education is provided to these children.

Keywords: Dyslexia. Inclusive education. Pedagogy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONCEITOS INICIAIS DE DISLEXIA	
1.1 Definição de Dislexia.....	12
1.2 Tipos de Dislexia.....	13
1.3 O Diagnóstico.....	15
1.4 Causas da Dislexia.....	18
2 RECONHECIMENTO E ACETAÇÃO DA DISLEXIA – EDUCAÇÃO: FAMILIA E ESCOLA	
2.1 A Família e a Criança Disléxica	21
2.2 A Aprendizagem da Criança Disléxica	23
2.3 A Escola e a Dislexia.....	25
2.4 A Educação Inclusiva.....	27
3 ESCUTANDO AS TRILHAS DAS DIFICULDADES DAS APRENDIZAGENS	
3.1 Procedimentos de Coleta de Dados.....	30
3.2 Pesquisa de Campo.....	30
3.3 Análise da Pesquisa de Campo.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICE.....	50

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: TIPOS DE DISLEXIA.....	13
FIGURA 2: AS SUBDIVISÕES DE DISLEXIA.....	15
TABELA DE PERGUNTAS E RESPOSTAS.....	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SEMED	SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
UFPA.	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
DVD	DIGITAL VERSATILE DISC
LDB	LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL
MEC	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

A família é a principal responsável na formação da educação primária, cultural e social de uma criança, porém quando ocorre o diagnóstico de um transtorno de aprendizagem, o processo de aceitação é lento além da questão da falta de aceitação, existe ainda a questão do preconceito, nesse caso na percepção de Carneiro (2011) é comum rotularem a criança como “deficiência neurológica”, quanto na verdade, é um transtorno afetado na parte cognitivo. Neste contexto, é fundamental que os pais observem o processo de aprendizagem dos filhos que geralmente nesses casos não acontece como o processo de aprendizagem das demais crianças em razão do transtorno, e geralmente associam o fracasso na escola a falta de interesse em aprender.

De maneira geral a dislexia, trata-se de um transtorno que dificulta o processo de aprendizagem, com isso geralmente as crianças disléxicas antes do diagnóstico são apontadas como “preguiçosas” ou “burras”, até mesmo por profissionais da área da educação como bem apontou a pesquisa de campo desenvolvida pela presente pesquisa, profissionais estes que deveriam não somente auxiliar as famílias no processo de diagnóstico, mas também a desenvolver um aprendizado capaz de alcançar essas crianças de maneira mais eficaz possível.

Diante das dificuldades enfrentadas pela criança disléxica, se torna relevante que haja um trabalho em conjunto entre a escola e as famílias, para que assim possa ser possibilitado a essa criança, o desenvolvimento de uma educação da maneira mais comum possível, de uma forma que a criança possa aprender se sentir diferente dos demais, sem complexos ou dificuldades. Portanto, buscou-se reunir no presente trabalho dados e informações como propósito de responder o seguinte problema de pesquisa: Qual o papel das famílias no reconhecimento e aceitação do diagnóstico de crianças com dislexia?

O principal objetivo do presente trabalho visou em pesquisar as principais dificuldades encontradas pelas famílias no processo de aprendizagem das crianças, bem como conhecer os conceitos, tipos e causas da dislexia e ainda verificar como se dá o processo de educação da criança disléxica.

Diante de inúmeros casos de crianças com dislexia no cotidiano pedagógico, surgiu o interesse pelo desenvolvimento da pesquisa em questão, assim que foi observado que as principais características apresentadas por estas crianças foi a

dificuldade na leitura e na interpretação do texto, não sendo esta uma dificuldade qualquer e sim, um transtorno que acarreta na dificuldade em aprender a parte da leitura, da escrita e a concentração, com isso, o desempenho da criança torna-se péssimo na escola, de forma que estas podem até mesmo sofrerem “bullyng” por apresentarem um nível de aprendizagem não condizentes com os demais, podendo até mesmo gerar nestas crianças uma autoestima fragilizada.

Utilizou-se para o desenvolvimento da presente pesquisa a técnica de pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica se desenvolveu por meio da pesquisa de livros e artigos científicos, enquanto a pesquisa de campo ocorreu por meio de questionários aplicados a famílias de crianças com suspeita ou diagnóstico de dislexia no município de Castanhal.

O que motivou a realizar a pesquisa este tema sobre dislexia se deu por meio em uma escola municipal de Castanhal onde eu estagiava, acompanhei de perto uma aluna de 11 anos, cursando o 2º ano do ensino fundamental, repetindo dois anos consecutivos à mesma série por apresentar muita dificuldade na leitura, e não saber interpretar texto. Segundo o que a professora me relatou, no ano que essa aluna iniciou o 2º ano, a docente percebeu que a discente estava com muita dificuldade em aprender. A menina demonstrava muito interesse em aprender, mas sentia muita dificuldade no sentido de interpretar o que está escrito no texto. Diante disso, chamou a mãe dessa aluna em particular para dialogar a respeito da situação escolar e sobre a tal suspeita dela ter o transtorno de aprendizagem e indicou a procura de um profissional para avaliar o que estava causando o problema cognitivo dela. No decorrer disso, até hoje não houve interesse por parte da mãe em ajudar a filha a superar o fracasso escolar, devido não ter informação sobre a dislexia. Como não tem ajuda profissional, não tem apoio da mãe ou alguém da família levando-a desmotivação em continuar os estudos, cometendo a evasão escolar.

1 CONCEITOS INICIAIS DE DISLEXIA

1.1 Definição de Dislexia

O ser humano passa por diversas atividades em seu dia a dia, e decifrar o alfabeto é uma das mais fundamentais, assim como, localizar-se, comunicar-se, estudar, entender o mundo. A leitura e a escrita tornam-se atividades tão corriqueiras, que ele mal se dar conta da complexidade desse processo e para certas pessoas essas atividades podem ser ainda mais complicadas, como é o caso das pessoas que possuem o transtorno da dislexia.

Conceitualmente pode-se dizer que a dislexia é um problema de origem cognitiva, é um transtorno de desenvolvimento relacionado à insuficiência de aprendizagem que por questões cerebrais, leva as pessoas que possuem este transtorno a prejuízos na capacidade de compreensão, raciocínio, interpretação e de memorização de conteúdos por meio da leitura, ou seja, é uma dificuldade que vem da criança, e as que possuem tal transtorno apresentam tais dificuldades ainda quem sejam dadas a ela todas as oportunidades de aprendizagem da escola. (ABREU, 2012). Massi & Santana (2011, p. 403) afirmam ainda que a dislexia:

Caracteriza-se por uma leitura e escrita marcadas por trocas, omissões, junções e aglutinações de grafemas; confusão entre letras de formas vizinhas, como em mato por nato; confusão entre letras relacionadas a produções fonéticas semelhantes, como em trode por trote, popre por pobre, galçada por calçada; omissão de letras e/ou sílabas, como em entrando por encontrando, gera por guerra; adição de letras e/ou sílabas como, por exemplo, em muimto por muito ou guato por gato; união de uma ou mais palavras e divisão inadequada de vocábulos, como é possível verificar em eraumaves (era uma vez) e a mi versario (aniversário).

Diante disso, considera-se uma dificuldade da área da leitura e escrita que esta diretamente ligada ao processamento da informação, onde a informação que é registrada pelo cérebro e que deve ser decodificada de maneira que possa se atribuir um significado aos símbolos, fica prejudicado ou interrompido de maneira que não há uma constância na construção mental daquele símbolo, principalmente quando se trata de uma dislexia mais severa (MASSI & SANTANA, 2011).

A pessoa que possui o transtorno da dislexia, pode escrever uma mesma palavra dez vezes, e todas às vezes a escreverá de forma diferente, onde as letras que ela eleger para compor aquela palavra são aleatórias não existindo um princípio

que a faça usar sempre a mesma representação gráfica para compor uma palavra que seja escrita com aquele símbolo. Apesar de todas as dificuldades descritas que as pessoas disléxicas enfrentam, de acordo com Rubino (2008, p. 85):

Os disléxicos têm inteligência acima da média, apesar de seu desempenho escolar sugerir o contrário. As pessoas disléxicas mostram-se mais criativas e têm idéias inovadoras que superam as das pessoas não-disléxicas, uma vez que elas tendem a ativar outras áreas do cérebro para compensar as suas dificuldades.

Conhecer as causas e fazer um diagnóstico precoce pode oferecer a essas pessoas um incentivo para que elas possam exercer essa criatividade, aumentando desta forma seu desempenho, livrando-as futuramente de uma baixa auto-estima, e as fazendo enxergar que apesar das dificuldades enfrentadas em virtude do transtorno, elas podem através da ajuda necessária contar com uma vida de sucesso, sobretudo no que tange a área profissional.

De acordo com Rubino (2008, p. 84), “As dificuldades causadas por esse transtorno podem melhorar cada vez mais o quadro de aprendizagem desde que sejam diagnosticadas o mais precocemente possível e tratadas de forma favorável a essa criança”, porém sabe-se que a dislexia é um transtorno difícil de fazer diagnóstico, e acaba por depender da experiência dos professores, neurologista, fonoaudiólogos, do psicólogos, de forma que esses profissionais devem estar familiarizados com o tema e mais aprofundados quando trabalham na avaliação e na condução das crianças (RUBINO 2008).

A dislexia requer uma estratégia multidisciplinar (psicólogo, psicopedagogo, neurologista e fonodólogo) de tratamento, onde todos os profissionais trabalhem juntos por um bem comum, exercendo sensibilidades e formas adequadas na condução das crianças que apresentam esse transtorno, seja na escola ou na estimulação fonoaudiologia, psicológica e psicopedagogia, para que essas crianças possam viver na normalidade e conseguirem obter um futuro promissor.

1.2 Tipos de Dislexia

Existem dois tipos de dislexia, a primeira é conhecida como dislexia adquirida e a segunda como dislexia evolutiva ou de desenvolvimento, e quando se busca a distinção entre esses tipos de dislexia percebe-se que a dislexia adquirida se caracteriza por ser aquela em que a pessoa consegue ler e escrever sem problemas

mais devido a um acidente ou derrame cerebral, por exemplo, perde essa capacidade, já na dislexia evolutiva a pessoa nasce com essa condição, está no código genético de uma família, porém não é necessariamente hereditária (ABREU, 2012).

Cada um dos tipos de dislexia tem sua peculiaridade conforme explica Abreu (2012, p. 30):

Figura 1: Tipos de dislexia

Dislexia Adquirida	<p>Fonológica: Dificuldade no uso do procedimento subléxico por lesão cerebral.</p> <p>Superficial: Dificuldade no uso do procedimento léxico por lesão cerebral.</p> <p>Profunda: Dificuldades no uso de ambos os procedimentos.</p>
Dislexia Evolutiva	<p>Fonológica: Dificuldade na aquisição do procedimento subléxico por problemas fonológicos, perceptivo-visuais e neurobiológicos.</p> <p>Superficial: Dificuldade na aquisição do procedimento léxico por problemas fonológicos, perceptivo-visuais e neurobiológicos.</p> <p>Mista: Dificuldade na aquisição de ambos os procedimentos por problemas fonológicos, perceptivo-visuais e neurobiológicos.</p>

Fonte: ABREU (2012, p. 30)

Como observado acima, na dislexia tanto do tipo adquirida quanto do tipo evolutiva existem três subtipos que são a fonológica, superficial e profunda e a mista, já para a psicopedagogia de acordo com Oliver (2008) *apud* Polese, Costa & Miechuanski (2011) a dislexia pode apresentar vários tipos como, a dislexia cognitiva ou inata, dislexia adquirida, dislexia ocasional, dislexia fonológica, dislexia lexical, dislexia mista, dislexia disfonética, dislexia diseidética, dislexia visual, dislexia auditiva, dislexia mista.

A dislexia cognitiva se caracteriza por ser aquela que a pessoa apresenta desde o momento que nasce e faz com que essa pessoa venha ter muita dificuldade na leitura e escrita, fazendo com que sua alfabetização seja comprometida. A

dislexia adquirida não nasce com a pessoa, mais ela acaba adquirindo mediante a algum acidente como, “por exemplo, anóxias (falta de oxigenação no cérebro), acidente vascular cerebral (derrame) e outros acidentes que podem afetar o cérebro” como afirmam Polese, Costa & Miechuanski (2011, p. 12).

Existe ainda a dislexia do tipo ocasional se caracteriza por diferentemente das anteriores ser mais amena, causadas por fatores não neurobiológicos, mais externos, e quando detectado este tipo dislexia, se a causa da mesma for abandonada, ela poderá ser revertida facilmente. A dislexia fonológica que como o próprio nome já sugere se caracteriza por comprometer a rota fonológica, onde a pessoa com esse tipo de dislexia apresenta certa dificuldade nas palavras longas e não familiares (CAMPOS, 2012).

A dislexia do tipo lexical ou ainda superficial, se caracteriza pela dificuldade na rota lexical, dessa forma a pessoa com esse tipo de dislexia não conseguem ler palavras irregulares, cometendo erros frequentes na leitura. A dislexia mista se caracteriza por ser a mais grave pois apresenta tanto os sintomas da dislexia fonológica quanto da lexical, precisando desta forma de uma atenção maior. De acordo com Polese, Costa & Miechuanski (2011, p. 13) existem ainda as subdivisões de dislexia, são elas:

Figura 2: As Subdivisões de dislexia

Dislexia Disfonética	Dificuldades de percepção auditiva na análise e síntese de fonemas. Maior dificuldade na escrita do que na leitura
Dislexia Diseidética	Dificuldades na percepção visual, apresenta leitura silábica. Maior dificuldade na leitura do que na escrita.
Dislexia Visual	Deficiência na percepção visual, não visualiza cognitivamente o fonema.
Dislexia Auditiva	Deficiência na percepção auditiva, não audiabiliza o fonema.
Dislexia Mista	Combinação de mais de um tipo de dislexia.

Fonte: Polese, Costa & Miechuanski (2011, p. 13)

Todos esses tipos de dislexias acabam por ressaltar a importância que tem que ser direcionada a esse transtorno logo nos primeiros anos de vida, pois seja ela qual tipo que for, apresenta cuidados para que os que a possuem consigam de alguma maneira melhorar sua qualidade de vida através de um tratamento adequado.

1.3 O Diagnóstico

A demora no diagnóstico da dislexia pode fazer com que as crianças apresentem certa dificuldade na hora de se estabelecer um tratamento, haja vista que elas começam a apresentar os sinais apenas na alfabetização e ocorre muitas vezes o pensamento de que cada criança tem o seu tempo, apesar dessa afirmativa pertinente, se faz necessário saber qual o diferencial das crianças disléxicas que geralmente irão apresentar uma lentidão para certas competências dentro da sala de aula, como por exemplo, a dificuldade da leitura fluente se comparada as demais crianças da mesma faixa etária.

Fazer o diagnóstico da dislexia não é uma tarefa fácil e necessita de uma atenção especial entre a equipe multidisciplinar, porém o professor em sala de aula acaba assumindo a linha de frente na batalha contra os prejuízos causados nas crianças com dislexia, para tanto eles precisam receber uma formação adequada para perceber os sintomas e para saber como lidar com tal situação, pois a não ser que os professores estejam alerta para os sinais de aviso, as crianças com este transtorno provavelmente não serão diagnosticadas. De acordo com Abreu (2012, p. 32) existe uma avaliação que é chamada de avaliação compreensiva que:

Deve proceder-se à determinação da acuidade auditiva e visual do aluno e do seu estado geral de saúde. Seguidamente deve-se obter os resultados da avaliação da capacidade intelectual, das capacidades verbais e não verbais estabelecendo uma comparação com a sua realização académica e social. Em termos de competências adquiridas nas várias áreas académicas e socio emocional, é importante definir o nível de realização escolar do aluno. Interessa também obter informações quanto à percepção visual e auditiva, à lateralidade e memória, à consciência fonológica à fala e ao processamento da informação em geral, essencialmente no que concerne ao tempo que o aluno leva desde a receção até à expressão da informação.

O diagnóstico de dislexia não significa que a criança seja menos inteligente, e sim apenas que esta é portadora de um distúrbio que pode ser corrigido ou

amenizado, dessa forma o diagnóstico precoce se torna de total importância para evitar que sejam atribuídos aos portadores do transtorno da dislexia rótulos depreciativos, com reflexos negativos sobre a sua auto-estima e projeto de vida. Mas para que seja feito um diagnóstico preciso se faz necessário observar alguns indicadores nas fases escolares que vai da pré-escola ao ensino superior (ABREU, 2012).

Na infância por exemplo, com os primeiros anos escolares de acordo com Rubino (2008, p. 85) é possível se observar sintomas “como desatenção, lentidão na aprendizagem da leitura, desinteresse pelos livros, letra feia, demora em copiar as lições da lousa, troca de letras na escrita, entre muitos outros”, também é perceptível na criança perceber sons, entender as rimas, a soletração que é um ponto marcando, pois esse tipo de criança não consegue soletrar sequer pequenas palavras.

Hoje em dia a dislexia tem se tornado um fator importante para o fracasso escolar e até mesmo da evasão escolar, pois quando a criança não aprende nesta fase de alfabetização ela se sente um fracassado e acaba desistindo da vida escolar por sentirem muitas vezes vergonha em não terem facilidade na aprendizagem em relação aos colegas de sala de aula, portanto é na fase inicial que se faz necessário que pais e professores estejam com olhares atentos para as dificuldades enfrentadas que precisarão de uma intervenção, intervenção esta que é feita pela equipe multidisciplinar (POLESE, COSTA & MIECHUANSKI, 2011).

A criança diagnosticada com distúrbio específica de aprendizagem precisará de um acompanhamento diferenciado que vai além do ambiente escolar para que ela não seja atendida apenas como uma criança com dificuldades ou uma criança que está caminhando no processo de aprendizagem de uma forma natural. Na fase adulta, fase esta onde se ingressa ao que chega ao ensino superior, se a criança for bem assistida na fase de alfabetização ela poderá tranquilamente chegar a ingressar em uma universidade e ser muito bem sucedida profissionalmente, ela ainda apresentará alguns sintomas que precisam ser diagnosticados. De acordo com Abreu (2012, p. 37) os sintomas de dislexia em jovens e adultos são:

Problemas na linguagem falada: Persistência das dificuldades a nível da linguagem falada já inicialmente sentidas ; Pronuncia incorretamente nomes de pessoas e de lugares; confunde nomes cuja fonologia é idêntica; Debate-se para recuperar palavras: “Estava na ponta da língua”; Não é prolixo, especialmente se posto em cheque; Vocabulário usado na linguagem falada

mais reduzido do que o vocabulário que é estabelecido por via auditiva; hesitação em dizer em voz alta palavras que podem ser incorretamente articuladas.

Problemas na leitura: História, na infância, de dificuldade em ler e em soletrar; Leitura de palavras torna-se mais precisa ao longo do tempo, mas continua a exigir grande esforço; Falta de fluência; Embaraço causado pela leitura em voz alta; evita grupos de estudo ou discursar a partir de um texto escrito; Dificuldades em ler e em pronunciar palavras fora do comum, estranhas ou isoladas, tal como nomes de pessoas, nomes de ruas, de lugares, de pratos de um menu; Fadiga extrema provocada pela leitura; Leitura lenta da maior parte dos materiais: livros, manuais e legendas de filmes estrangeiros; Penalização em testes de escolha múltipla; Número de horas incaracteristicamente longo passado a ler materiais escolares ou relacionados com a escola; Sacrifício frequente da vida social para estudar; Preferência por livros com imagens, mapas ou gráficos; Preferência por livros com menos texto por página ou com grandes manchas de branco por página; Falta de predisposição para ler por prazer; Ortografia continua desastrosa; preferência por palavras menos complicadas que são mais fáceis de soletrar e escrever; Desempenhos particularmente pobres em tarefas que implicam decorar.

É importante ressaltar que o diagnóstico da dislexia é feito por exclusão, ou seja, o diagnóstico não se parte da dislexia, mais se chega a ela excluindo qualquer outra possibilidade com atenção, de maneira que não seja pré-julgada a criança logo como disléxica, onde o profissional exclui outros problemas de aprendizagem, ou seja, tudo o que pode ser parecido com dislexia para somente depois dar o diagnóstico (CAMPOS, 2012).

O que se torna relevante é que todos os sintomas citados acima quando diagnosticados, possam ser levados em consideração para que a pessoa disléxica consiga um acompanhamento específico que a auxilie em seu desempenho escolar e, sobretudo a faça levar uma vida sem complexos, para que ela não se sinta inferiorizada diante das demais pessoas da sua sala de aula, por exemplo, mais que ela possa ter estímulos para alcançar a superação de todas as dificuldades e por consequência o sucesso.

1.4 Causas da Dislexia

Tanto quanto fazer um diagnóstico preciso sobre a dislexia, se faz necessário também examinar principalmente a parte cognitiva na leitura, escrita e o fator psicológico diante da dificuldade da criança, para tanto, tem-se primeiramente a causa do distúrbio como base neurológica, o que explica a ocorrência do distúrbio em pessoas da mesma família. É importante ressaltar de acordo com Polese, Costa

& Miechuanski (2011, p. 08) “a dislexia não é causada por uma deficiência intelectual geral, por isso é designada e classificada como sendo uma dificuldade específica da linguagem. Também não é causada por limitações socioculturais ou por fatores emocionais”, afirmam ainda que:

Embora o cérebro dos disléxicos processe informações em uma área diferente do cérebro das pessoas que não são disléxicas, seu cérebro é perfeitamente normal. Então, provavelmente a dislexia resulta de falhas nas conexões cerebrais. Portanto, as causas mais prováveis da dislexia são neurológicas e genéticas.

Na pessoa que apresenta dislexia a informação faz um caminho mais longo e demora um pouco mais para que venha ser processada, onde o que acontece é que em um cérebro normal no hemisfério esquerdo na área terciária de compreensão do significado das letras, da leitura, vai se acender, ou seja, em uma criança que não apresenta dislexia essa região do cérebro vai está ativa e também quando a criança está lendo tem uma área próxima que é responsável pela compreensão da fala, então ao mesmo tempo em que se processa a leitura se processa também a compreensão (CAMPOS, 2012).

Um pouco mais adiante, na região frontal do cérebro é que vai ser feito o processamento de todas as informações para que em questões de milésimos de segundos a criança consiga juntar as letras e formar as sílabas e, por conseguinte formar as palavras e em um próximo processamento interpretar o que vai significar cada palavra, já no cérebro disléxico as áreas citadas irá estar apagadas e indetectáveis as informações, porque a alteração cromossômica irá afetar essas áreas responsáveis pela leitura, escrita, pronuncia e soletração (CAMPOS, 2012).

A dislexia não atinge somente a compreensão da leitura mais também pode ser encontrada em outras debilidades como, por exemplo, discalculia, que é a dificuldade de interpretar os símbolos, sinais matemáticos, dificuldade de fazer uma conta matemática de cabeça, a dislexia também pode está associada à disgrafia que faz com que a criança veja as letras de forma invertida ou ate mesmo quando ela esta lendo uma palavra, na cabeça dela se acrescenta o “s” e ainda faz com que a palavra vire um borrão. De acordo com Polese, Costa & Miechuanski (2011, p. 09) diante do exposto:

A leitura se torna um grande esforço para o disléxico, porque a principal dificuldade está na capacidade de representar ou recordar sons da fala (fonemas), ou seja, existe um problema nas representações fonológicas,

que leva a uma deficiência na transformação das letras do alfabeto em fonemas. Consequência disso, também são as dificuldades em separar palavras em seus fonemas e a principal, que é a dificuldade nítida na leitura. Dentre todas estas evidências, constata-se que pessoas com dislexia têm dificuldade em reter a fala na memória de curto prazo e conscientemente, dividi-las em fonemas.

Não é possível prevenir ou evitar que a criança venha nascer com o transtorno da dislexia ou mesmo que venha adquiri-la, porém, devido este problema está alcançando boa parte das crianças, existem tratamentos e formas adequadas de lidar com esse transtorno, e de acordo com Polese, Costa & Miechuanski (2011, p. 15) os tratamentos utilizados visam dinâmicas que mexam com “exercícios auditivos, visuais e de memória. A tecnologia também colabora muito neste objetivo. Existem programas de computador desenvolvidos para isso”.

Portanto é importante conhecer a causa da dislexia para que até mesmo os profissionais saibam como proceder mediante ao tratamento devido para o controle e melhoramento do transtorno, porém uma vez diagnosticado esse transtorno, o que se torna de suma importância é que esses tratamentos venham ser colocados de forma correta visando dar a pessoa disléxica oportunidades para que ela possa se superar conquistando êxito nas dificuldades correspondentes ao transtorno da dislexia. (POLESE, COSTA & MIECHUANSKI, 2011).

2 A EDUCAÇÃO E A DISLEXIA

2.1 A Família e a Criança Disléxica

O sucesso no processo de aprendizagem certamente não depende nem nunca dependerá única e exclusivamente da escola e das boas condições de aprendizagem que ela possa proporcionar, pois dentro desse processo existe uma parte importante que fará toda a diferença para que o aluno tenha o êxito esperado, e essa parte é a família.

Certamente a escola é um auxílio da família no processo de aprendizagem, porém cabe aos pais à função de educar e de por limites aos seus filhos, mostrando-lhes valores da nossa sociedade, valores morais de honestidade e respeito ao outro, ensinando isto caberá à escola a função de ensinar todas as disciplinas apropriadas à idade de cada aluno sem perder tempo em tentar impor os limites não ensinados em casa.

Quando a família exerce o seu papel que é o de ensinar se torna muito mais fácil para a escola que recebe este aluno com uma boa formação familiar perceber que ele está apresentando uma dificuldade no processo de aprendizagem e não apenas é uma criança mimada que tem preguiça de fazer suas atividades porque seus pais fazem por eles para lhes pouparem o trabalho. Também os próprios pais perceberão que apesar de estarem fazendo todo o possível para que seus filhos evoluam de forma significativa na aprendizagem eles não estão conseguindo, dessa forma os próprios pais procurarão ajuda para identificar o problema e não apenas joga-lo para a responsabilidade da escola. De acordo com Carneiro (2011, p. 52):

A família é o factor principal no que respeita à aprendizagem das questões sociais e emocionais da criança. Contudo, à medida que a criança cresce, ela convive cada vez mais com pessoas fora do círculo familiar, pessoas essas que, por sua vez, passam a ter parte ativa na socialização da criança. O seio familiar é o melhor ambiente em que a criança poderá encontrar aquilo que necessita. A família fica por este motivo, obrigada a constituir-se de modo a poder cumprir devidamente essa função. Em contrapartida, a família que desconhece as suas responsabilidades relativamente à criança, desconhecendo as suas necessidades, vivendo uma vida onde não existe lugar para ela, nem tempo para estar com a criança pode levar a situações de angústia, de inibições, entre outros problemas.

É importante que a família veja os seus filhos não mais a partir das dificuldades que eles têm mais sim a partir das habilidades que eles apresentam. A

família sempre será uma parceira enorme em potencial tanto da escola como um todo quanto do professor na sala de aula, pois a mesma conhece esse indivíduo de uma maneira que a escola dificilmente irá conhecer, já que em um ambiente familiar favorável essa criança pode demonstrar e falar abertamente de suas maiores dificuldades sem desprendimento, quanto que na escola muitas vezes os indivíduos com dificuldade no aprendizado acabam tendo vergonha dos colegas e até mesmo dos professores. (CARNEIRO, 2011)

Ainda de acordo com Carneiro (2011, p. 52): “No que se refere a alunos com dislexia, os pais têm uma grande importância e é objeto de atenção redobrada, uma vez que a falta de bem-estar no seio da mesma, motivada por complicações ou dificuldades, pode ser a causa dos problemas dos seus descendentes”, dessa forma a família que tem um indivíduo disléxico precisa primeiramente entender o que é o transtorno para então providenciar a ajuda necessária que é a intervenção da equipe multidisciplinar, e estar sempre em contato com os profissionais procurando saber como pode ajudar para que o seu filho obtenha progresso.

De acordo com Salvari & Dias (2006, p. 253) é importante que:

No processo diagnóstico, o psicólogo busque analisar o significado do sintoma da criança na família e para a família, uma vez que, comumente, o problema da criança é emergente do problema do grupo primário ao qual pertence. Além disso, destaca que a independência proporcionada pela aquisição de conhecimentos pode ter para a criança um significado de perda de atenção e de assistência dos pais, inibindo os seus progressos.

Descobrir a dislexia não pode ser jamais sinônimo de insucesso, pois descobrir a dislexia é tão somente descobrir que esse indivíduo tem mais uma diferença como todos têm, todos são diferentes e essa consciência e apoio que o disléxico precisa ter deve estar fundamentada na família, ou seja, a família precisar saber que esse transtorno só será apenas mais obstáculo que a sua criança precisará enfrentar até a sua formação, Carneiro (2011, p. 57) colabora a este pensamento ao afirmar que:

Embora possam existir sentimentos de frustração e de insucesso, os pais e a criança devem ser persistentes e devem continuar a lutar pelo sucesso. Deste modo, o principal é não desistir e ser-se persistente porque tudo pode ser ultrapassado e apesar da dificuldade que isso representa, o mais importante é que exista um ambiente de calma, confiança, segurança e apoio incondicional.

A família da criança disléxica deve tomar cuidado para que em nome do amor que sentem por seus filhos venham poupa-los não os deixando, por exemplo, desempenhar atividades que eles apresentem dificuldades ou até mesmo fazendo a atividade desse filho, isso terá o resultado contrário do esperado por esses pais, pois fará com que o disléxico se sinta incapaz e sem motivação para ultrapassar seus limites, e essa atitude de acordo com Carneiro (2011, p. 56) “leva à diminuição das expectativas da criança em relação a si própria”.

Como já dito o transtorno da dislexia deve ser encarado pela família de forma harmoniosa como qualquer outra dificuldade que deverá ser vencida, porem é possível saber que os pais ao descobrirem o transtorno sentem medo, medo de que a criança não evolua cognitivamente, medo de não conseguirem ajudar da forma adequada, medo de que a criança sofra depreciação por parte dos colegas de sala de aula, o que pode resultar em um quadro de baixa auto-estima e depressão, Carneiro (2011).

Sentir temor quando se descobre o transtorno da dislexia é normal, pois temer a diferença é normal e esse temor só desaparecerá à medida que essa família se empenhe em buscar ajudas profissionais que esclareçam todas às dúvidas sobre o transtorno, entendendo que a dislexia não é uma doença, ou seja, que seus filhos não são doentes, eles apenas possuem um cérebro que trabalha de uma maneira diferente processando as informações de um jeito diferente, pois entendendo isso essa família poderá auxiliar de maneira promissora seus filhos na jornada do aprendizado.

2.2 A Aprendizagem da Criança Disléxica

Aprender a ler e escrever podem ser umas das tarefas mais simples na alfabetização para a maioria das crianças, mas para as crianças que apresentam o transtorno da dislexia as palavras são um desafio constante, um desafio que para ser superado necessitará da criança, da família e da escola paciência e perseverança. De acordo com Silva & Silva (2016) Apesar das dificuldades que fazem com que a aprendizagem da criança disléxica se torne lenta sabe-se que elas podem se tornarem adultos brilhantes se forem estimuladas e trabalhadas as habilidades cognitivas, dessa forma é preciso que a equipe multidisciplinar adote requisitos para trabalhar a aprendizagem dessa criança.

Dentro desta perspectiva podem-se destacar algumas atividades que trabalhem tanto a percepção auditiva quanto a percepção visual das crianças disléxicas e dentro das atividades que trabalham a percepção auditiva existem aquelas que exercitam o ritmo como, por exemplo, a música que além de trabalhar o ritmo trabalha também a concentração e atenção de uma forma descontraída tirando a criança de um ambiente de cobranças que muitas vezes a própria leitura impõe. (LIMA, 2014).

Ainda destacando as atividades que trabalham o ritmo, o profissional pode estimular essa atividade batendo palmas, às vezes em um ritmo mais leve, às vezes em um ritmo mais forte e até alternando em ritmo leve e ritmo forte colocando a criança para copiar esse ritmo de costas para ele, dessa forma será trabalhada a percepção e a sequencia auditiva. (LIMA, 2014).

A consciência fonológica também precisa ser estimulada, sendo essa consciência a forma como se manipula o som tendo a percepção que existem palavras curtas, palavras longas, que existem sílabas que começam de uma determinada forma e são parecidas como bolo, bolacha tendo também palavras como caminhão e avião que são as rimas, enfim, todo o trabalho de manipulação do som é significativo para a estimulação no aprendizado de crianças que tem dislexia. (LIMA, 2014).

Outra atividade que estimula bastante é a atividade com rima, a rima é uma atividade que trabalha muito o som e a forma como esse som é processado e dentro dessa habilidade o profissional pode trabalhar também com a música, além de poesias e jogos, essas alternativas acabam por fazer da rima uma das habilidades mais importantes dentro do processamento e da estimulação da consciência fonológica. (LIMA, 2014).

É preciso também trabalhar os olhos que é a percepção visual, dentro dessa dinâmica se torna interessante trabalhar com jogos, como por exemplo, o jogo dos sete erros, figura e fundo que nada mais é quando se tem que achar uma determinada figura em um fundo todo bagunçado, quando se tem que achar a diferença em imagens semelhantes, enfim, todas essas atividades de percepção visual são também muito importantes e significativa para crianças que possuem o transtorno da dislexia. Sobre as atividades com jogos Segundo Sena & Lima (2007: 6) apud Marques (2014, p. 55):

Conceber o jogo com finalidade educacional significa colocar o indivíduo em contacto com os sentidos que circulam na sua cultura para que ele os possa assimilar e viver no contexto social onde está inserido. Isso não quer dizer que estará a incorporar todas as informações, de maneira passiva; ao contrário, para que se tenha uma boa aprendizagem, é importante uma atividade que seja consciente, participativa e transformadora de realidade interna e externa do indivíduo.

Os jogos de caça palavras também podem ser trabalhados, e não somente o caça palavras mais também a primeira e a última letra de cada linha, pois dessa forma se estará trabalhando também os movimentos sacádicos¹ dos olhos para a criança não se perder na hora da escrita. Portanto é importante trabalhar tanto a parte auditiva quanto a parte visual, pois as duas juntas é que irão auxiliar no processo de identificação, sequenciação do processo de leitura e escrita, afinal a letra é um símbolo visual e um som e são esses tipos de atividades que aperfeiçoarão o aprendizado da criança disléxica. Marques (2014).

Muitas são as atividades que trabalham o visual e o som, podem auxiliar pais e professores que convivem com crianças disléxicas no desenvolvimento do aprendizado para que elas o quanto antes se sintam inseridas e socializadas para lidar com as demandas da vida, haja vista que estas coisas dependem da alfabetização, por esse motivo, para o disléxico essas atividades se tornam muito significativas, pois acabam mostrando que as suas dificuldades não são maiores do que todas as alternativas e métodos que os farão vencer.

2.3 A Escola e a Dislexia

A dislexia como já dito é um problema específico da leitura, onde a criança com esse transtorno tem um desenvolvimento normal, uma cognição boa e ela aprendem bem, mas a leitura que é o instrumento mais utilizado pela escola é justamente o ponto onde não consegue se desenvolver, portanto é muito comum à criança com dislexia ou com qualquer outro transtorno de aprendizagem, começar a se fechar, ficar envergonhada na frente dos colegas, pois os trabalhos na escola acabam expondo as dificuldades dessa criança.

A alfabetização é um momento fundamental, pois é o momento onde a escola pode melhor perceber e contribuir para que quadros como a dislexia sejam

¹ ligam todas as fixações oculares entre si, possibilitando por exemplo, a leitura e a escrita.

amenizados, a escola tem uma responsabilidade grande em relação ao diagnóstico precoce do transtorno, pois para muitos pais esse assunto ainda é desconhecido e por esse motivo acabam tendo percepção de que seus filhos são preguiçosos e até mesmo chamando-os de burros. De acordo com Lona (2014, p. 14):

A criança disléxica aprende a um ritmo diferente, por isso, precisa que a escola adeque as suas práticas educativas, tendo sempre em conta as suas características e especificidades. A atitude inclusiva, o papel do professor e da escola, consoante seja favorável ou funcione como uma barreira pode ser um fator decisivo para o sucesso ou insucesso dos alunos disléxicos.

Dessa forma se torna de suma importância a necessidade a escola estar preparada através de seus profissionais para que a partir do momento em que a criança mostre uma dificuldade se comece a investir meios pedagógicos no auxílio das atividades escolares, também o é importante o profissional alertar imediatamente aos pais sobre o problema para que um tratamento adequado pela equipe multidisciplinar venha ser iniciado.

Se a escola não intervir a partir do momento que identificar uma dificuldade se lançando ao desafio de vencer o obstáculo de aprendizagem que a criança ou o jovem possa ter ela estará de forma ociosa e no processo educativo a ociosidade implica no fracasso escolar, a escola também não desperdiçar na família a total responsabilidade pelos problemas. Lona (2014, p. 21) afirma ainda que:

O sucesso do processo de inclusão está diretamente ligado à possibilidade de reconhecer as diferenças e aceitá-las. Isso não significa ignorá-las, isso não significa colocar crianças com necessidades educativas especiais na sala de aula regular e esperar que elas aprendam, pela proximidade com seus colegas da mesma idade. Respeitar as diferenças é adotar os recursos necessários para que a criança aprenda de acordo com o seu ritmo de aprendizagem, por forma alcançar sucesso.

Diante disso, é importante a escola está equipada para atender os alunos com esse tipo de dificuldade, pois tudo que é útil para o disléxico vai ser muito útil para todos, para os que sofrem deste distúrbio de aprendizagem vai ser indispensável um facilitador da aprendizagem para todos, então o uso de recursos visuais, uso de esquemas, uso de mapas mentais estrutural que a criança está aprendendo, recursos dinâmicos, um vídeo DVD para facilitar, visitas a museus ou outros lugares, uma experiência de laboratório, o importante é saber que o que a escola esteja investindo para o disléxico será bom para todos. Silva (2015).

A escola deve fornecer ao aluno com esse transtorno subterfúgios que acelere e melhore o processo de aprendizagem, tais como: Um ledor, para poder ler a prova; ela tem direito de mais tempo, pois elas são mais lentas para processar a linguagem; ela tem direito às vezes de uma letra da fonte ser maior, mais espaço entre uma linha e outra, pois os movimentos sacádicos que são esses movimentos que o olho faz para poder ler, passar de uma palavra para outra em quem tem dislexia tem dificuldades nesses movimentos, dessa forma as vezes o olho pula uma palavra.

Toda escola por menor ou mais simples que seja é capaz de desenvolver o trabalho de inclusão para assim assistir seus alunos, de acordo com Lona (2014, p. 22) “o objetivo de uma escola que se quer inclusiva não passa apenas pela integração dos alunos com deficiência nas várias estruturas da sociedade, mas quer acima de tudo, promover, a inclusão social dos mesmos”. Dessa forma se este aluno tiver uma família que contribua, uma escola que contribua, os tratamentos bem feitos, o transtorno não será impedimento para absolutamente nada, não há barreiras para que ele alcance sucesso.

De acordo com Silva (2015, p. 25) “Uma boa escola não fica limitada apenas ao ensino, ela se preocupa com o desenvolvimento de cada aluno, respeitando suas individualidades. A escola é um espaço de aprender e esse processo só acaba quando todos os alunos tenham conseguido aprender”, dessa forma o saber cuidar e ensinar são importantes, é buscar realmente ajudar sem dar muletas, mais a escola será a rodinha da bicicleta que estará ali ajudando enquanto este aluno estiver necessitando, mas sabendo que um dia ele vai através da ajuda necessária resolver suas questões por conta própria.

2.4 A Educação Inclusiva

A inclusão busca retirar as barreiras impostas pela exclusão em seu sentido mais global e acaba trazendo benefícios visíveis não somente a escola mas também a comunidade que se propõe exercê-la, pois através da educação inclusiva os alunos são socializados e se sentem pertencentes ao meio, se sentem queridos, amados e dessa forma a socialização se torna mais amena e o processo de aceitação é melhor. De acordo com Brasil, 2016 (p. 07):

No paradigma da inclusão, ao afirmar que todos se beneficiam quando as escolas promovem respostas às diferenças individuais de estudantes, são impulsionados os projetos de mudanças nas políticas públicas. A partir dos diversos movimentos que buscam repensar o espaço escolar e da identificação das diferentes formas de exclusão, geracional, territorial, étnico racial, de gênero, dentre outras, a proposta de inclusão escolar começa a ser gestada.

Pode-se pontuar historicamente um documento muito importante que data de 1994, que é o documento de Salamanca, que reuniu na Espanha 88 países, com representantes que discutiram a educação especial do ponto de vista da inclusão Lona (2014, p 25) afirma que “um dos princípios fundamentais da Declaração de Salamanca consiste em que, todos os alunos devem aprender juntos independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem”. Desde então se tem uma discussão que sempre vai está ligada a atender a pessoa com necessidades educativas especiais mais para inclui-la na escola, na sociedade. (LONA, 2014).

No Brasil a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB Nº 9394/96 de 1996 dedicou o capítulo V especificamente a Educação Especial, representa ou não avanço por trazer o atendimento ao aluno com necessidades educativas especiais como um dever do Estado e cabe a escola então elaborar currículos, métodos, técnicas específicas para o atendimento aos alunos com esse tipo de necessidade. A LDB também contempla ou não a terminalidade específica para esses alunos, ou seja, aqueles alunos que não conseguem seguir, por exemplo, a educação básica junto com os outros alunos, é obrigação da escola prover uma terminalidade para esse aluno, conforme o art. 58 e 59 da referida lei.

A LDB também fala da preocupação da escola em profissionalizar e inserir esse sujeito no mercado de trabalho. Depois da LDB em 2007 uma portaria do MEC nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007, entregue pelo Ministro da Educação em 07 de janeiro de 2008, traz detalhadamente os princípios do Brasil para a Educação Especial na perspectiva educação inclusiva que é um documento que faz um levantamento histórico das iniciativas brasileiras para a inclusão das crianças com necessidades especiais na escola.

Existem alguns pontos que são marcas no documento citado acima como, por exemplo, o conceito de exclusão, para esse documento, inserir, incluir tem haver com definir quem são os excluídos, para o documento excluído é aquele que está fora dos padrões homogeneizadores da escola, ou seja, a escola historicamente

costumou dizer que existem os bons, os médios, os fracos, os capazes, os incapazes e quem está fora desses padrões determinados para a escola geralmente são excluídos.

O documento avança e vai além, pois além de dizer quem são os excluídos que coloca obrigação do Estado incluir essa criança e assisti-la em todas as suas necessidades, para tanto então, é necessário que se tenha as instalações da escola apropriadas a essa criança é um deficiente visual é preciso que haja uma arquitetura adequada, se é um deficiente auditivo é preciso que a escola ofereça a linguagem de libras.

O objetivo do documento é definir qual é a missão da escola inclusiva. Pode-se dizer então que através da LDB e por esse documento de uma portaria do MEC citada anteriormente que foram conquistados avanços muito grandes com relação à acessibilidade de todos no processo de inclusão ao ensino na escola, são avanços legais, porém historicamente ainda precisam ser conquistados, e esses avanços vão depender do envolvimento e postura de todos no cotidiano da escola para que se possa fazer cumprir a lei.

Muitas iniciativas de inclusão dessas crianças especiais têm sido feitas na escola, mas a sociedade precisa está cotidianamente pensando nessa criança, nesse aluno que historicamente sempre foi excluído e que agora tem mais chances de ter uma trajetória melhor dentro da escola, de poder construir uma identidade, uma subjetividade e contar a sua história de uma maneira que seja aceito e participativo, pois “é através do processo de inclusão, feito ao nível global e não só escolar, que se promovem valores realmente importantes para a sociedade se alicerçar no respeito pela diferença”. (LONA, 2014, P. 22)

3 ESCUTANDO AS TRILHAS DAS DIFICULDADES DAS APRENDIZAGENS

3.1 Procedimentos de Coleta de Dados

Desenvolveu-se o presente trabalho, a pesquisa qualitativa, que segundo Marconi e Lakatos (2011, p. 269), “preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano.”

Segundo Andrade (2010, p. 117) metodologia, “é o conjunto de métodos ou caminhos que são percorridos na busca do conhecimento”. O trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, ou seja por meio da pesquisa de livros e artigos, que segundo Gil (2010, p. 29), “A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos”.

“Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc”, também foi realizada a pesquisa de campo utilizou-se um questionário de perguntas semiestruturadas, ou seja, perguntas abertas e fechadas com pessoas com suspeita ou diagnóstico de dislexia no seio familiar.

Fuzzi (2010, online) aborda sobre a pesquisa de campo, da seguinte forma que “procede à observação de fatos e fenômenos exatamente como ocorrem no real, à coleta de dados referentes aos mesmos e, finalmente, à análise e interpretação desses dados, com base numa fundamentação teórica consistente”.

3.2 Pesquisa de Campo

Inicialmente, foi solicitado o levantamento de dados para Secretaria Municipal de educação de Castanhal, verificando os registros dos nomes das escolas e endereços para confirmar o registro de alunos disléxicos matriculados em escolas municipais. Dentro do banco de dados, foram escolhidas duas (2) escolas municipais, seguindo o critério de seleção contém alunos diagnosticados ou suspeita da dislexia. Foram duas (2) escolas municipais: sendo que possuía um (1) aluno com suspeita e a outra escola duas (2) alunas diagnósticas com distúrbio de aprendizagem. Em ambas as escolas, entrei em contato com a direção pedindo a

permissão para a realização da pesquisa de campo e o direcionamento da turma. Fui encaminhada para as devidas turmas onde estavam esses alunos. Apresentei-me as professoras o objetivo da pesquisa, o sigilo dos dados, e perguntei se os pais desses alunos estão dispostos a participar dessa coleta de dados, todas as três (3) professores concordaram com o estudo que sim. Encaminhei meu contato para os pais ou responsáveis das crianças suspeitamente disléxicas. E fui bem acolhida em ambas às escolas de Castanhal. Agendei o dia e o horário em uma sala de aula vaga com três (3) participantes: duas (2) mães de crianças disléxicas e uma (1) irmã responsável do irmão com suspeito de ser disléxico e tive uma breve conversa sobre a situação desses alunos, e logo em seguida repassei os questionários e obtive todas as questões respondidas. Segundo Gil (2008) a vantagem do instrumento questionário consiste em economizar mais tempo na obtenção das respostas e a desvantagem é a dificuldade na compreensão de alguma ou todas as perguntas por parte do pesquisador.

O questionário aplicado foi elaborado visando à obtenção de resultados sobre o tema abordado, composto por vinte (20) perguntas abertas e fechadas, realizado sem identificação dos entrevistados objetivando que os mesmos fossem o mais fiel possível em suas respostas. O primeiro questionário foi respondido por três participantes: uma pessoa do sexo feminino, com 28 anos de idade, acadêmica de pedagogia, com criança em situação suspeita de diagnóstico de dislexia, a segunda entrevistada, possui 29 anos de idade, técnica em enfermagem e possui criança diagnosticada na família, a terceira possui 37 anos, do sexo feminino, ensino médio, com criança diagnosticada. Após a aplicação dos questionários e foram codificados foi feito a análise da pesquisa.

TABELA DE PERGUNTAS E RESPOSTAS

Pergunta 1	Na sua concepção qual a definição de dislexia?
Participante 1	“Uma disfunção de ordem neurológica que afeta a aprendizagem do indivíduo, principalmente na leitura, escrita e interpretação, há também outras características adjacentes a essas, mas essas são as principais.”
Participante 2	“Minha concepção da dislexia, falando como mãe, até agora

	com a minha filha está sendo devastadora é um transtorno terrível principalmente quando as crianças começam a perceber que são diferentes e tem que estudar dez vezes mais do que os demais.”
Participante 3	“Na minha concepção a dislexia é um transtorno neurobiológico que afeta o aprendizado do indivíduo na leitura, na escrita, na interpretação de texto, as vezes até na fala.”

Pergunta 2 **Quais as consequências e impactos da dislexia na vida diária da criança?**

Participante 1	“A principal foi a dificuldade na alfabetização. Por demorar muito a aprender a ler, ele repetiu série por três vezes, o que retardou bastante sua formação escolar. Por conseguinte, ele tornou-se retraído, por sofrer pressões para avançar nas séries da escola, tanto em casa quanto por conta de atitudes negativas dos colegas da escola. Ele também apresenta bastante dificuldade com a memória recente, esquecia rapidamente o que lhe era ensinado. Ainda hoje esquece muito as coisas, precisamos alertando-o sobre tarefas, constantemente.”
Participante 2	“Primeiramente ela detona a auto estima da criança, elas se acham incapazes, ficam tristes, choram, se reprimem com tudo isso ficam arrepiar, agressivas até é bem complicado.”
Participante 3	“Demorou aprender a ler, repetiu o 3 ano, tem dificuldade em interpretar texto grande, tem dificuldade em lembrar coisa que aprendeu, as vezes dificuldade com problemas matemáticos. Dificuldade em pronunciar algumas palavras engolindo ou aumentando letras.”

Pergunta 3 **Você conhecia algo sobre o transtorno antes da sua própria família conhecer esse transtorno de perto?**

Participante 1	“Apenas havia lido superficialmente a respeito, e algumas
-----------------------	-----------------------------------------------------------

	informações em conversas com amigos que possuem o transtorno.”
Participante 2	“Sim, conhecia sobre e francamente duvidaria que seria tão difícil, é cansativo, penoso, doloroso é uma luta diária.”
Participante 3	“Apenas havia lido pouco sobre dislexia.”

Pergunta 4 A criança com esse tipo de transtorno tem uma vida normal?

Participante 1	“Sim.”
Participante 2	“Não.”
Participante 3	“Sim.”

Pergunta 5 Quem foi a primeira pessoa família a diagnosticar a dislexia na criança?

Participante 1	“Eu mesma (irmã mais velha da criança).”
Participante 2	“Eu mesma (irmã mais velha da criança).”
Participante 3	“Eu mesma (mãe).”

Pergunta 6 Como você o ajudaria?

Participante 1	“Ensinando o conteúdo da escola oralmente. Dando-lhe textos para ler (de preferência com ilustrações ou imagens) e interpretar junto com ele, ajudando também a utilizar aplicativos de leitura para que ele ouça, aplicativos de escrita, pois ele é muito interessado em coisas virtuais. Comprando utensílios e material para que ele construa suas criações de pintura, desenhos, construções com papéis, lego e etc.”
Participante 2	“Eu a ajudo de todas as formas possíveis e imagináveis.”
Participante 3	“Eu ajudo minha filha com as lições da escola, leio para ela e junto com ela, tento descobrir meio de ensinar da forma que ela aprenda.”

Pergunta 7 Como é a relação com os professores da escola?

Participante 1	“Boa.”
Participante 2	“Razoável.”
Participante 3	“Boa.”

Pergunta 8 Como é a relação com os amigos da escola?

Participante 1	“Razoável.”
Participante 2	“Boa.”
Participante 3	“Razoável.”

Pergunta 9 Os professores ajudam teu filho a desenvolver o aprendizado?

Participante 1	“Não.”
Participante 2	“Não.”
Participante 3	“Não.”

Pergunta 10 Com qual idade seu filho (a), ou irmão foi diagnosticado?

Participante 1	“Aos 6 anos.”
Participante 2	“Aos 5 anos.”
Participante 3	“Aos 6 anos.”

Pergunta 11 Em algum momento o a criança chegou a ser apontada como “burra” ou preguiçosa?

Participante 1	“Sim, várias.”
Participante 2	“Não.”
Participante 3	“Sim, até mesmo pela pedagoga.”

Pergunta 12 Ele(a) gosta de ir à escola?

Participante 1	“Não.”
Participante 2	“Sim.”
Participante 3	“Sim.”

Pergunta 13 Quais as principais dificuldades?

Participante 1	“A falta de esclarecimento dos profissionais sobre o transtorno.”
Participante 2	“Aceitação, disciplina com as tarefas e elevar a autoestima.”
Participante 3	“A falta de entendimento da equipe da escola em relação a dislexia.”

Pergunta 14 Após o diagnóstico, a família procurou colaborar com o aprendizado da criança?

Participante 1	“Eu sim (irmã mais velha), quanto aos demais não colaboraram.”
Participante 2	“Sim.”
Participante 3	“Eu ajudo bastante, e meu marido também.”

Pergunta 15 Como os demais membros da família tem se portado diante do diagnóstico?

Participante 1	“Hoje não demonstram interesse em conhecer a respeito. São impacientes com os lapsos de memória e a dificuldade dele em se expressar. Quanto ao diagnóstico, é muito difícil aceitarem.”
Participante 2	“Só o pai de maneira psicológica e eu de todo resto.”
Participante 3	“Normal.”

Pergunta 16 A escola trabalha em conjunto com a família para que haja um melhor desenvolvimento no aprendizado da criança?

Participante 1	“Hoje não demonstram interesse em conhecer a respeito, são impacientes com os lapsos de memória e a dificuldade dele em se expressar, quanto ao diagnóstico, é muito difícil aceitarem.”
Participante 2	“Minha filha já estudou em várias escolas, e nenhuma delas tem ao menos boa vontade, iniciou esse ano em outra escola

	e a saga continua. Obs.: todas particulares.”
Participante 3	“Não.”

Pergunta 17 **Descreva como você passou a identificar as dificuldades apresentadas pela criança. Você poderia traçá-las de uma forma cronológica?**

Participante 1	<p>“Comecei a identificar no início do processo de alfabetização. Como eu sempre ensinei ele em casa, observei que ele parecia ter aprendido as vogais e consoantes, porém no dia seguinte já não lembrava de nada (inclusive o repreendi com muita veemência várias vezes, pois considerava que era por falta de atenção). Voltava e ensinar tudo novamente, fazê-lo tentar juntar sílabas utilizando as letras desenhadas, mas foi um processo muito lento e ele acabou ficando retido em nas séries iniciais. Depois percebi como ele era atraído por imagens, desenhava dezenas de bandeiras de vários países, escudos de times, mesmo sem saber escrever ele sabia um a um somente pela imagem. Também percebi o tanto que ele aprendia com imagens quando eu lia as histórias de um livro infantil ilustrado antes de dormir e notava que ele ficava observando a imagem e fazendo perguntas dos desenhos. Percebi que era muito criativo passando horas montado coisas muito bem feitas com materiais improváveis. Então passei a estimular isso comprando materiais pra que ele produzisse mais coisas e ele produz até hoje. Depois que ele passou a ler e escrever mesmo que de forma muito limitada, passei a identificar a grande dificuldade com a escrita, os textos vinham incompletos, sem pontuação e com algumas letras com a ordem invertida (quando era ditado ele escrevia tudo como ouvia). Notei então que ele aprendia melhor ouvindo do que escrevendo.”</p>
Participante 2	<p>“Sabe você ensinar as vogais mil vezes, as consoantes umas dez mil vezes, o próprio nome um bilhão de vezes e a criança</p>

	esquecer, você inventar mil maneiras sabe, rezar, se dedicar e surtir o mínimo efeito e dali fazer uma festa, é uma vitória.”
Participante 3	“Primeira dificuldade foi com a fala dificuldade de expressar, falava 2 palavras achando que disse uma frase, segundo ela não tinha desejo de ir à escola de fazer tarefas, 3 muita dificuldade de realizar tarefa sozinha, ler então era pior parte, se alguém ajudava saia alguma coisa senão não saia nada.”

Pergunta 18 Como você tem ajudado ele em suas dificuldades?

Participante 1	“Ensinando tudo principalmente de forma oral e repetidas vezes, pedindo pra ele responder tudo também oralmente. Lendo e interpretando textos (de preferência com imagens) juntamente com ele. Comprando materiais para que ele construa suas criações (cola, fio, tesoura, lápis de cor, etc.) Procurando aplicativos que o ajudem a obter conhecimento através de áudio.”
Participante 2	“Conversando muito, fazendo as tarefas sempre com ela, lendo tudo e de tudo pra ela, incentivando-a e procurando mais do que tudo respeitar seus limites e fazendo nascer uma força sobre-humana em mim.”
Participante 3	“Tenho ajudado com as lições e encorajando dizendo que é capaz, que é uma garota inteligente, levo na fono e no neuro e estou sempre em contato com escola.”

Pergunta 19 Relate observações que você observa de superação.

Participante 1	“A principal superação dele tem sido a leitura, organização de informações pra não esquecer(listas). E ainda, a capacidade de improvisação, pois antes ele ficava confuso diante de situações-problemas do cotidiano.”
Participante 2	“Falando em especial da minha pequena Sarah, ela ama dançar é uma forma de ela extravasar, ela está Conseguindo ler e a cada avanço os olhinhos dela brilham, está

	conseguindo fazer contas mais simples, está conseguindo perguntar, sobre a dislexia, embora não queria falar muito ainda, um trabalho lento, gradativo, difícil mas tenho fé em Deus que iremos vencer.”
Participante 3	“Ela está lendo melhor que antes, ela está mais interessada em realizar suas tarefas escolares, e agora não reclama como antes de ir à escola, a fala também teve uma melhora.”

Pergunta 20 **Quais estratégias ele desenvolveu (sozinho e junto com você) para lidar com as dificuldades?**

Participante 1	“Elaborar lista quando peço pra ele comprar mais de um item, utilizar aplicativos de leitura e escrita. Também estou ensinando aula de música para estimular a parte cognitiva, além de jogos. Além dessas coisas, procuro ensinar tudo com linguagem bem simples. Usar livros ilustrados sempre que possível.”
Participante 2	“Ela é muito observadora, pra tudo você tem que ter uma estratégia tipo fazer contas ou palitos ou os nossos dedos, tem de ser tudo de uma forma lúdica, ela não pode nunca perder o interesse, nessas horas não é hora de bronca senão trava tudo, sempre elogio quando consegue resolver alguma questão, sempre pondo ela pra cima.”
Participante 3	“Ela ler livros, pede pra fazer lista de mercado, joga jogos de perguntas com a irmã, ela conta história usando desenhos feitos por ela.”

3.3 Análise da Pesquisa de Campo

De acordo com a pesquisa realizada, percebeu-se que as famílias pesquisadas sabem que a dislexia trata-se de um transtorno que afeta o aprendizado do indivíduo, e conforme a segunda participante “até agora com a minha filha está sendo devastadora é um transtorno terrível principalmente quando as crianças começam a perceber que são diferentes e tem que estudar dez vezes mais do que os demais”, ou seja, o transtorno é capaz de provocar alterações não somente no que tange ao aprendizado, mas pode refletir ainda na fala como

abordou a terceira participante. Segundo Carneiro (2011, p 45.), a esse respeito nos colocam que:

As crianças disléxicas pertencem ao grupo de crianças cujas dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita são muito maiores do que seria esperado a partir do seu nível intelectual. Essas crianças, embora com as mesmas oportunidades que as outras crianças têm para aprender a ler e apesar de receberem motivação, de serem apoiadas pelos pais mostram progresso na alfabetização surpreendentemente mais lento do que os seus colegas da mesma idade e do mesmo nível intelectual.

Nesta perspectiva, cada criança tem o seu tempo de adaptação para o aprendizado. Mas quando se trata de disléxico, precisa de muita motivação do professor e da família para haver o aprendizado.

Segundo ainda a pesquisa, foram enumeradas várias consequências e impactos na vida das crianças afetadas, a principal dela foi a alfabetização como enfatizou a primeira participante, porém, observou-se ainda que os problemas trazidos pelo transtorno podem alcançar ainda a questão da autoestima das crianças afetadas, como abordou a segunda participante.

De acordo com Rodrigues e Silveira (2008, p. 06) “As experiências sobre este tema, por nós vivenciadas, fazem-nos crer que a discriminação sofrida por uma criança disléxica nasce anteriormente a atitude do educador, que se depara com suas limitações para ensinar, do que com as deficiências apresentadas pela própria criança”. Quanto a conhecer a dislexia antes de viver de perto o transtorno, somente a participante número 2 afirmou já conhecer o transtorno, as demais afirmaram conhece-lo apenas superficialmente. Segundo Carneiro (2011) é perceptível o disléxico apresentar sentimento de tristeza e autculpabilização diante do baixo rendimento escolar. Em alguns casos, os pais mal interpretam que os filhos vão mal na escola por falta de interesse em seus estudos, castigando-os ou até cobrando-os em estudar mais para melhorar seu desempenho na escola. Mas o sentimento de insegurança, incapacidade, frustração e a desmotivação tende a piorar se a criança disléxica não receber além da atividade específico a ele, uma motivação capaz de conseguir superar as dificuldades.

Sobre a questão das crianças disléxicas poderem ter ou não uma vida normal, apenas a participante 2 discordou dessa possibilidade, as demais acreditam ser absolutamente possível que a criança com dislexia possa ter uma vida normal. Na percepção de Rodrigues e Silveira (2008, p. 05):

A dislexia é uma dificuldade que se bem trabalhada pode ser superada e o disléxico terá uma vida normal com apenas uma dificuldade em determinada área. A dificuldade de conhecimento e de definição do que é dislexia, faz com que se tenha criado um mundo tão diversificado de informações, que confunde e desinforma e causa ainda ignorada evasão escolar em nosso país.

Quanto a quem diagnosticou primeiro a dislexia as participantes foram as primeiras a diagnosticarem, sendo que as participantes 1 e 2 são mães das crianças e a 3ª participante é a irmã mais velha da criança. Segundo Carneiro (2011, p 45.), a esse respeito nos colocam que:

O professor tem um papel muito importante na detecção das dificuldades do seu aluno, uma vez que este está em contacto directo com ele todos os dias e encadeia todas as suas aprendizagens. Sendo assim, o professor tem que estar atento às dificuldades expressas da criança, de modo a poder ajudá-la a ultrapassar as contrariedades. Esta tarefa não é exclusiva do professor, cabe também aos pais e profissionais de saúde uma intervenção junto da criança. Um trabalho em conjunto entre todas as partes envolvidas no processo ensino/aprendizagem é uma mais-valia para o aluno

Diante disso, na maioria dos casos, o professor é o que mais tem contato direto com a criança com dificuldade de aprendizado. Mas essa tarefa não é exclusivamente dele. Cabe aos pais ou responsável(s) acompanhar a real situação do aprendizado do filho nas tarefas feitas em casa. Se houver alguma alteração de dificuldade na criança, deve sim procurar ajuda profissional.

Ao serem questionadas na resposta do questionário de que forma elas ajudam as crianças, a participante número 1 disse que ajuda seu irmão ensinando o conteúdo da escola oralmente, utilizando textos com imagens ou ainda aplicativos de leitura para que o mesmo ouça as leituras. A participante número 3 disse que também lê com sua filha procurando sempre o melhor caminho para o aprendizado da mesma. De acordo com Rodrigues e Silveira (2008, p. 07) refere que:

Os disléxicos necessitam formar imagens mentais que possam ser utilizadas para pensar. Também é necessário que consigam associar estas imagens, nos planos visual e auditivo, às palavras que estão tentando aprender. Mostrar ao disléxico uma imagem para descrever o sentido de uma palavra poderia parecer um passo na direção certa, mas isto não funciona muito bem.

Neste contexto um dos meios para alcançar favoravelmente o aprendizado do disléxico, na compreensão do que está escrito no texto, são necessários explorar

mais imagens do que a escrita, pessoas para oralizar ou até mesmo aplicativo de celular que auxilia no entendimento a quem tem dificuldade específica na linguagem.

Entre a relação desenvolvida com as crianças e os professores, as participantes 1 e 3 disseram que as relações eram boas, porém a participante e avaliou a relação como razoável, e quanto as relações desenvolvidas com os demais alunos, ou seja, os amiguinhos da escola, as participantes 1 e 3 avaliaram como razoável e a participante 2 avaliou como boa. Segundo Rodrigues e Silveira. (2008, p. 03) a esse respeito, nos reflete que:

Os professores de maneira geral ainda não estão preparados para lidar com estes alunos, que abandonam a sala de aula por ser motivo de críticas dos colegas por os professores não ter metodologia adequada para trabalhar com estes alunos e eles são tido como o "palhaço" o "bobinho" que não sabem nada.

Diante disso, para manter boas relações desenvolvidas entre os amigos da escola, o professor e os pais da criança disléxica, primeiramente é preciso explicitar que a dislexia não é uma doença de origem saúde mental, nem uma deficiência, e sim um transtorno cognitivo, pois a criança fica desorientada no processo da leitura e da escrita. Se não houver entendimento e apoio das pessoas mais próximas, terá chances ao fracasso escolar.

Quanto a questão da colaboração dos professores no aprendizados dessas crianças, as 3 participantes foram enfáticas em dizer que os professores não colaboram de nenhuma forma com o aprendizado dessas crianças. Ianhez e Nico (2002) relata que o local mais adequado para ensinar o disléxico é sala de aula normal em convivências com os outros alunos ditos normais, sendo que o professor adapte sua aula de acordo com a especificidade dessa criança. Em relação a idade em que se deu o diagnóstico das crianças, as participantes 1 e 3 disseram ter sido aos 6 anos de idade, já a participante número 2 afirmou que o diagnóstico ocorreu aos 5 anos de idade. De acordo com o Carneiro (2011) para diagnosticar a dislexia, é necessário passar por várias etapas, em primeiros casos, normalmente é detectado nas séries iniciais do fundamental, quando iniciam o processo de alfabetização quando é levado em contato a leitura e a escrita.

Quando questionadas sobre a questão das crianças terem sido apontadas como "burras" ou "preguiçosas" somente a participante número 2 disse que não, as

demais afirmaram que sim, inclusive a participante número 3 afirmou que a criança foi estereotipada² até mesmo pela pedagoga da escola. De acordo com Ferreira et al.(s/d), as pessoas que chamam o dislético de “burro” ou “preguiçoso”, agem dessa forma por falta de conhecimento sobre este distúrbio ou também pelo preconceito, menosprezando quem sofre a dificuldade de leitura e escrita. Segundo Rodrigues e Silveira (2008) dialoga que é possível fazer o dislético aprender a ler e escrever e pode ser trabalhada e exercida e ao mesmo tempo pode demonstrar que pode desenvolver outras áreas.

Quando questionadas sobre as crianças gostarem ou não de ir à escola, a participante número 1 disse que não, já as demais afirmaram que sim, as crianças gostam de ir à escola. Segundo Gonçalves (2011, p. 48-49) relata da seguinte forma:

Atrasos do desenvolvimento cognitivo. As escalas psicométricas de inteligência tem sido apontadas como um bom indicador para identificar estas causas individuais de Insucesso escolar. O problema é que a grande maioria dos alunos que falham nos resultados escolares, têm um desenvolvimento normal. A instabilidade característica na adolescência, consta entre as muitas causas individuais do insucesso. Ela conduz muitas vezes o aluno a rejeitar a escola, a desinvestir no estudo das matérias, e frequentemente à indisciplina.

Neste contexto, o que mantém a autoestima do aluno com transtorno de aprendizado com capacidade em aprender, sem que a frustração causada por terceiros o afete e também não abandonar a escola, deve-se tratar esta criança sem discriminação.

Em relação as principais dificuldade enfrentadas, a participante 1 abordou a falta de conhecimento dos profissionais sobre o transtorno, assim como a participante 3 fez o mesmo apontamento. Quando questionadas se após o diagnóstico as famílias procuraram colaborar com o aprendizado das crianças, todas as participantes afirmaram que sim, quanto aos demais membros da família se portaram diante do diagnóstico, a participante 1 afirmou que “Hoje não demonstram interesse em conhecer a respeito. São impacientes com os lapsos de memória e a dificuldade dele em se expressar. Quanto ao diagnóstico, é muito difícil aceitarem”, a participante 2 disse que tem apenas o apoio do pai. De acordo com Rodrigues e Silveira (2008, p. 07):

² Que não pode ser verdadeiro; que não é original; desprovido de autenticidade.

Cabe aos pais procurar a escola e, juntamente com os professores, trabalhar de maneira adequada o conteúdo escolar para não desmotivar a criança que possui dislexia. Faz-se necessário dar muita atenção para que a mesma sinta-se valorizada e estimulada para a aprendizagem.

Neste contexto, o trabalho em conjunto entre a família e a escola é mais adequado ao desenvolvimento cognitivo da criança disléxica.

Quando questionadas se as respectivas escolas trabalham em conjunto com as famílias para que haja um melhor desenvolvimento da criança, todas as participantes foram enfáticas em dizerem que não, a participante 1 disse que além do desinteresse, os profissionais são impacientes, a segunda participante disse que sua filha já percorreu diversas escolas particulares e mesmo assim não conseguiu ainda uma escola que atenda a necessidade da criança. Diante dessas duas perguntas acima, Carneiro (2011, p. 53) refere que,

“No momento do diagnóstico da dislexia, a reação possível dos pais é sentir que o seu filho tem uma doença, contudo a dislexia não é nenhuma doença. A posição da família face a esta questão, é muitas das vezes dicotômica e ambivalente. Alguns pais entram num processo de negação e, não aceitam a possibilidade de o seu filho apresentar uma dificuldade de aprendizagem. Em contrapartida, outros pais são interessados e até podem colocar questões que podem ser de difícil resposta por parte do professor. Os pais das crianças com dislexia enfrentam inúmeros desafios e situações difíceis, que os outros pais nunca se depararão. Quando as crianças apresentam este transtorno, a forma como os seus pais reagem perante estas dificuldades poderá agravar ou ajudar a sua recuperação.”

Nesta perspectiva, após o diagnóstico, o desafio da família é ter compreensão de que a dislexia não é uma doença, mas é preciso de muita paciência e aprender lidar com as diferenças, pois requer muita atenção e motivação para ocasionar de forma favorável o estado emocional e o aprendizado da criança.

Ao serem questionadas de que forma as dificuldades das crianças foram identificadas, as participantes enfatizaram as dificuldade no processo de alfabetização, cada uma com sua peculiaridade, mas principalmente na questão da leitura como abordou a terceira participante. Segundo Carvalho (s/d, p. 05):

“A criança com dislexia apresenta muitos sinais que podem ser identificados pelos professores, pais ou responsáveis que acompanham o desenvolvimento escolar, tais como: lentidão na aprendizagem dos mecanismos da leitura e da escrita; trocas ortográficas; problema para reconhecer rimas e alterações (fonemas repetidos em uma frase); desatenção e dispersão; desempenho escolar abaixo da média, em matérias específicas, que dependem da linguagem escrita; melhores

resultados nas avaliações orais do que nas escritas; dificuldade de coordenação motora fina (para escrever, desenhar e pintar) e grossa (é descoordenada); dificuldade de copiar as lições do quadro, ou de um livro; problema de lateralidade (confusão entre esquerda e direita, ginástica); dificuldade de expressão: vocabulário pobre, frases curtas, estrutura simples[...]"

Por essa razão, geralmente o que identifica os primeiros sinais da dislexia é na fase de alfabetização, é na forma de como a criança aprende e do comportamento que podem ser detectada se de fato apresenta ou não o problema.

Ao serem questionadas sobre as principais superações vividas pelas crianças, a participante 1 apontou que a leitura, sem dúvida é a principal conquista do irmão, e as demais relataram que cada aprendizado, com o passar do tempo tem se ampliado, assim como a disposição de ir à escola. Rodrigues e Silveira (2008, p. 06) dialoga nestas duas questões a idéia de que,

Pois, o disléxico deve ser tratado com muito carinho para que ele possa ser incentivado no processo de aprendizagem. Sendo assim, nunca se deve criticar quando um disléxico cometer um erro, deve motivá-lo a sempre tentar acertar, uma vez criticado ele vai ficar com vergonha e não terá, coragem de tentar novamente

Diante disso, para haver conquista em relação a leitura e a escrita, além da disponibilidade de ir à escola, sem dúvida é preciso que a família e a escola motivem de que existe um método indicado no processo de aprendizagem.

Quanto as estratégias desenvolvidas para lidar com as dificuldades, observou-se que cada uma desenvolveu uma maneira peculiar de enfrentar o transtorno, a participante 1 disse que as aulas de músicas e jogos tem estimulado o desenvolvimento cognitivo do irmão, já a participante 3 relatou que jogos e brincadeiras tem colaborado bastante como desenvolvimento do filho. Ferreira et al. (s/d, p. 51), a esse respeito nos colocam que:

“É aconselhável o uso de jogos que possuem letras e palavras, de preferência letras em alto relevo e cores fortes, bem como brincadeiras com contos de histórias e o emprego de computadores, pois é através de brincadeiras deste tipo é que a criança disléxica poderá revelar os seus problemas com maior facilidade, tendo em vista sua dificuldade em relatar os seus sentimentos.”

Nesse sentido, a família dá suporte aos seus filhos com dificuldade na aprendizagem e colaborar com outros mecanismos no desenvolvimento cognitivo de forma favorável.

De maneira geral foi possível observar que ainda é preciso ampliar o conhecimento sobre o transtorno tanto no que tange as famílias, quanto às escolas, é necessário que um trabalho em conjunto seja desenvolvido para que haja um recíproca colaboração objetivando assim um melhor desenvolvimento de aprendizado possível para a criança, que como bem apontou a pesquisa, é preciso que haja um avanço em paralelo não somente por parte das escolas, mas também por parte das famílias, que possuem um papel fundamental, se não o principal no processo de aprendizagem da criança com dislexia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da presente pesquisa possibilitou a análise do papel das famílias no reconhecimento e aceitação do diagnóstico de crianças com dislexia, por meio do estudo do conceito de dislexia, tipos, a forma em que ocorre o diagnóstico bem como suas causas. Abordou ainda o processo e educação da criança com dislexia, a educação inclusiva, o processo de aprendizagem da criança disléxica e o papel da família nesse processo de aprendizagem, posteriormente foi abordado ainda as dificuldades enfrentadas no aprendizado por meio do desenvolvimento de uma pesquisa de campo realizadas no município de Castanhal onde foram entrevistadas famílias de crianças suspeitas e diagnosticadas com o transtorno de aprendizado.

A pesquisa de campo possibilitou a análise de dados consistentes sobre a problemática em questão, foi observado durante a pesquisa que as famílias em sua maioria desconheciam o transtorno até se deparar com o mesmo no seio familiar, a pesquisa demonstrou ainda que tanto as escolas precisam buscar mais conhecimento em relação ao transtorno quanto as famílias precisam trabalhar em paralelo com escolas para que seja possibilitado assim a criança com dislexia uma educação, mais proveitosa possível, pois como foi visto durante o processo de pesquisa, quando é oferecida a criança disléxica uma educação adequada e específica a mesma pode ter uma educação e vida praticamente sem dificuldades no aprendizado.

O questionário aplicado as famílias demonstram a realidade enfrentada pelas crianças com dislexia tanto no que tange as escolas, quanto as famílias, o foco do trabalho foi de demonstrar como as famílias precisam ser mais atuantes e precisam buscar colaborar com as escolas, porém a pesquisa demonstrou que as escolas também precisam olhar com mais atenção para as crianças que apresentam dificuldades no aprendizado, se faz necessário que haja uma capacitação por parte das escolas para que as crianças com dislexia possam receber a educação adequada e a própria escola poder demonstrar as famílias como a mesma poderá colaborar com esse processo ensino aprendizagem dessas crianças.

Dada à importância do tema abordado na presente pesquisa, se faz necessário assim, um trabalho por parte das escolas e das famílias para que assim o processo de aprendizado dessas crianças possam ser otimizados, pois ficou evidenciado por meio desta pesquisa o quão fundamental é uma educação

específica para as crianças com dislexia, objetivando assim colaborar com o enfrentamento desta questão.

REFERÊNCIAS

ABREU, Sónia Isabel Alves. **Dislexia – Aprender a Aprender**. 2012.

CAMPOS, Ana Maria Gomes. **Análise do Desempenho em Leitura e em Provas de Habilidades Metalinguísticas de Crianças com Diagnósticos de Dislexia**. 2012.

CARNEIRO, Sofia Raquel Correa. **Atitude dos pais e professores em crianças com dislexia**. 2011.

CARVALHO, Galane Melo Freire de; SANTOS, Gilvânia dos; NOGUEIRA, Valdiane Souza Santos. **Dislexia: análise de distúrbio da aprendizagem de uma criança**, s/d, Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/Dislexia_analise_de_disturbio_da_aprendizagem_de_uma_crian.pdf> Acesso em: 02/02/2018

FERREIRA, Emerson Benedito; FERREIRA, Jesuína Therezinha Cherubino; ALVES, Ângela Cristina Ferreira. **Dislexia e educação: deveres e dilemas**. s/d, Disponível em: http://www.gestaouniversitaria.com.br/system/scientific_articles/files/000/000/051/original/Dislexia_e_Educação.pdf?1411606364 Acesso em: 02/02/2018

FUZZI, Ludmila Pena. **O que é a Pesquisa de Campo?** 29 de março de 2010, Disponível em: <http://profludfuzzimetodologia.blogspot.com.br/2010/03/o-que-e-pesquisa-de-campo.html> Acesso em: 05/02/2018

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Ed. Editora Atlas S.A. São Paulo. Brasil, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, Mafalda Maria da Conceição. **A Relação da Dislexia, Insucesso Escolar e Educação Especial Educação Especial Acção de Formação**, Escola Superior de Educação Almeida Garrett, 2011.

IANHEZ, Maria Eugênia; NICO, Maria Ângela. **Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. São Paulo: Editora Alegro, 2002.

LIMA, Raquel Souza. **Propostas Metodológicas para trabalhar com as dificuldades dos alunos com transtornos funcionais específicos**. Produção didático – pedagógica: caderno pedagógico. 2014.

LONA, Isabel Maria Monteiro de Sousa. **A Escola e a Dislexia, uma Maneira Diferente de Aprender**. 2014.

MARCONI, M. de A. LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARQUES, Daniela de Almeida. **O jogo no desenvolvimento da criança disléxica**. 2014.

MASSI, Giselle & SANTANA, Ana Paula de Oliveira. **A Desconstrução do Conceito de Dislexia: Conflito Entre Verdades**. Artigo. dez. 2011, Vol. 21, No. 50, 403-411.

PINHEIRO, Abraão Dias; ABREU, Cintia Mara Alves de; SILVA, Cleidiane Alves da; CARMO, Daniela Ferraz do; ANNA, Vera Lins Sant', orientadora. **Estratégias de aprendizagem no cotidiano da criança disléxica**: desafios à prática docente, s/d, Disponível em: <file:///C:/Users/Nany/Downloads/8478-30746-3-PB.pdf>

POLESE, Caila Lanfredi; COSTA, Gisele Maria Tonin & MIECHUANSKI, Graciele Pogorzelski. **Dislexia: Um Novo Olhar**. Revista de Educação Ideal. Vol. 6 – Nº 13 - Janeiro - Julho 2011.

RODRIGUES, Maria Zita; SILVEIRA, Leila. **Dislexia: distúrbio de aprendizagem da leitura e escrita no ensino fundamental**. Editor Webartigos, 2008

RUBINO, Rejane. **Dossiê Sobre o Conceito de Dislexia e Seus Efeitos no Discurso Social**. Estilos da Clínica, 2008, Vol. XIII, no 24, 84-97.

SALVARI, Lúcia de Fátima Carvalho & DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. **Os problemas de aprendizagem e o papel da família: uma análise a partir da clínica**. Estudos de Psicologia | Campinas | 23(3) | 251-259 | julho - setembro 2006.

SILVA, Alaíde Lopes. **DISLEXIA: dificuldade de aprendizagem e o papel da escola na compreensão e atendimento do aluno com transtorno na linguagem oral e escrita**. Revista Eventos Pedagógicos. Desigualdade e Diversidade étnico-racial na educação infantil v. 6, n. 4 (17. ed.), número regular, p. 22-33, nov./dez. 2015.

SILVA, Nilza Sebastiana da; SILVA, Fábio José Antônio da. **A dislexia e a dificuldade na aprendizagem**. Revista Científica Multidisciplinar, Ano 1, Vol 5 , pp. 75-87 Julho 2016.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS PAIS OU RESPONSÁVEL(S) DA CRIANÇA SUSPEITA OU DIAGNOSTICADA COM DISLEXIA

Dados Gerais:

a) Idade:

b) Sexo: ()M ()F

c) Qual sua formação?

d) situação da criança (suspeita ou diagnosticada)?:

Questões Específicas:

1. Na sua concepção qual a definição de dislexia?

R:

2. Quais as consequências e impactos da dislexia na vida diária da criança?

R:

3. Você conhecia algo sobre o transtorno antes da sua própria família conhecer esse transtorno de perto?

R:

4. A criança com esse tipo de transtorno tem uma vida normal?

()Sim ()Não

5. Quem foi a primeira pessoa família a diagnosticar a dislexia na criança?

R:

6. Como você o ajudaria?

R:

7. Como é a relação com os professores da escola?

()Ruim ()Razoável ()Boa ()Muito boa

8. Como é a relação com os amigos da escola?

()Ruim ()Razoável ()Boa ()Muito boa

Comente:

9. Os professores ajudam teu filho a desenvolver o aprendizado?

()Sim ()Não

10. Com qual idade seu filho (a) foi diagnosticado?

R:

11. Em algum momento o a criança chegou a ser apontada como “burra” ou preguiçosa?

R:

12. Ele(a) gosta de ir a escola?

R:

13. Quais as principais dificuldades?

R:

14. Após o diagnóstico, a família procurou colaborar com o aprendizado da criança?

R:

15. Como os demais membros da família tem se portado diante do diagnóstico?

R:

16. A escola trabalha em conjunto com a família para que haja um melhor desenvolvimento no aprendizado da criança?

R:

17. Descreva como você passou a identificar as dificuldades apresentadas pela criança. Você poderia traçá-las de uma forma cronológica?

R:

18. Como você tem ajudado ele em suas dificuldades?

R:

19. Relate observações que você observa de superação do seu irmão.

R:

20. Quais estratégias ele desenvolveu (sozinho e junto com você) para lidar com as dificuldades?

R: